



## **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E REPRESENTAÇÕES: experiências no Projeto Afrocientista – NEAB GERA/UFPA – 2022**

*Wilma de Nazaré Baía Coelho<sup>1</sup>*

*Universidade Federal do Pará, Faculdade de História, Belém, PA, Brasil.*

*Nicelma Josenila Costa de Brito<sup>2</sup>*

*Universidade Federal Rural da Amazônia, Curso de Pedagogia, Belém, PA, Brasil.*

*Milena Farias e Silva<sup>3</sup>*

*Universidade Federal do Pará, Faculdade de História, Belém, PA, Brasil.*

*Larissa Estumano Soares<sup>4</sup>*

*Universidade Federal do Pará, Faculdade de História, Belém, PA, Brasil.*

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela UFRN (2005). É professora da UFPA desde 1994. Integra o corpo docente da Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica e do Doutorado em Rede Educacional. Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-raciais (NEAB/GERA/UFPA). Segunda Secretária da Diretoria da ANPEd (2021-2023). Integra a Comissão de Comissão de Diversidade, Acessibilidade e Ações Afirmativas/ANPEd (2021 a 2023). Coordenadora do Projeto Afrocientista – NEAB GERA/UFPA Bolsista PQ 1D CNPq. E-mail: wilmacoelho@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8679-809X>

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela UFPA. Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais – GERA/UFPA. Integrante da equipe do Projeto Afrocientista – NEAB GERA/UFPA. E-mail: nicelmacbrito@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7444-4945>

<sup>3</sup> Discente do Curso de Licenciatura em História da UFPA. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais – GERA/UFPA. Bolsista de Graduação do Projeto Afrocientista – NEAB GERA/UFPA. E-mail: llena.farias@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4767-0119>

<sup>4</sup> Bacharela em Direito. Discente do curso de Licenciatura em História da UFPA. Bolsista de Iniciação Científica-PIBIC/CNPq. Integrante do Núcleo de Estudos sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais – GERA/UFPA. Voluntária do Projeto Afrocientista – NEAB GERA/UFPA. E-mail: larissaestumano22@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0001-5801-2109>



**Resumo:** O presente artigo trata das experiências desenvolvidas no âmbito do Projeto Afrocientista, efetivadas em sua terceira edição, por meio do NEAB GERA/UFPA. O artigo centra-se nas percepções dos(as) estudantes partícipes, mediante investigação de seus registros nas atividades relativas aos encontros formativos encaminhados com a participação de professores(as) especialistas no campo das discussões promovidas no Projeto. O objetivo consiste em produzir uma inflexão acerca do potencial das práticas pedagógicas na promoção de uma educação antirracista junto a estudantes do Ensino Médio. Para as reflexões sobre práticas pedagógicas, representações, a realidade do *ser negro*, o Ensino Médio e a EREER e este nível de ensino, nos subsidiamos em Maria Amélia Franco (2016), Roger Chartier (1991), Neuza Souza (1983), Nora Krawczyk (2011) e Wilma Coelho e Milena Silva (2021) respectivamente. Assim, entendemos que as práticas pedagógicas comprometidas com a Educação das Relações Étnico-Raciais, mediante as ações propostas no Projeto Afrocientista, se desdobram nas representações dos(as) estudantes no tocante ao racismo, preconceito e discriminação racial. São representações que informam as manutenções históricas ou contemporâneas que se presentificam em suas experiências, como também sinalizam as apreensões que fazem na perspectiva de alterações em suas trajetórias.

**Palavras-Chave:** Projeto Afrocientista; Práticas Pedagógicas; Percepções.

### **PEDAGOGIC PRACTICES AND REPRESENTATIONS: experiences in the Afrocientist Project - NEAB GERA/UFPA - 2022**

**Abstract:** This article deals with the experiences developed in the scope of the Afrocientist Project, realized in the third edition of the Project through NEAB GERA/UFPA. The article focuses on the perceptions of the participating students, through the investigation of their records in activities related to the formative meetings held with the participation of expert teachers in the field of discussions developed in the Project. The goal is to produce an inflection about the potential of pedagogical practices in the promotion of an anti-racist education with high school students. For the reflections about pedagogical practices, representations, the reality of being Black, High School and EREER and High School, we subsidize ourselves in Maria Amélia Franco (2016), Roger Chartier (1991), Neuza Souza (1983), Nora Krawczyk (2011) and Wilma Coelho and Milena Silva (2021) respectively. Thus, we understand that the pedagogical practices engage to the Education of Ethnic-Racial Relations, through the actions proposed in the Afro-scientist Project, unfold in the representations of the students regarding racism, prejudice and racial discrimination. They are representations that inform the historical or contemporary maintenances that are present in their experiences, as well as signalize the apprehensions they make in the perspective of changes in their trajectories.

**Key-words:** Afrocientist Project; Pedagogical Practices; Perceptions.



## LES PRATIQUES ET LES REPRÉSENTATIONS PÉDAGOGIQUES: les expériences dans le Projet Afro-scientifiques (Afrocientistas) - NEAB GERA/UFPA - 2022

**Résumé:** Cet article traite des expériences développées dans le cadre du Projet Afro-scientifiques (Afrocientistas), réalisées dans la troisième édition du Projet à travers NEAB GERA/UFPA. L'article se concentre sur les perceptions des étudiants participants, à travers l'investigation de leurs enregistrements dans les activités liées aux réunions formatives des enseignants spécialisés dans le domaine des discussions promues dans le projet. L'objectif est de produire une inflexion sur le potentiel des pratiques pédagogiques dans la promotion d'une éducation antiraciste auprès des lycéens. Pour les réflexions sur les pratiques pédagogiques, les représentations, la réalité d'être noir, le lycée et l'ERER et le lycée, on se base sur les travaux de Maria Amélia Franco (2016), Roger Chartier (1991), Neuza Souza (1983), Nora Krawczyk (2011) et Wilma Coelho et Milena Silva (2021) respectivement. Ainsi, nous comprenons que les pratiques pédagogiques engagées dans l'Éducation des Relations Ethniques-Raciales, à travers les actions proposées dans le Projet Afro-scientifiques, se déploient dans les représentations des élèves concernant le racisme, les préjugés et la discrimination raciale. Il s'agit de représentations qui informent le maintien historique ou contemporain présent dans leurs expériences, ainsi que de signaler les appréhensions qu'ils font dans la perspective d'altérations de leurs trajectoires.

**Mots-clé:** Projet Afro-scientifiques. Pratiques pédagogiques. Perceptions.

## PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS Y REPRESENTACIONES: experiencias en el Proyecto Afrocientista – NEAB GERA/UFPA – 2022

**Resumen:** El presente trabajo trata de las experiencias desarrolladas en el ámbito del Proyecto Afrocientista, llevadas a cabo en la tercera edición del Proyecto por medio del NEAB GERA/UFPA. El trabajo se centra en las percepciones de los(las) estudiantes participantes, mediante investigación de sus registros en las actividades relativas a los encuentros formativos direccionados con la participación de profesores(as) especialistas en el campo de las discusiones promovidas en el Proyecto. El objetivo consiste en producir una inflexión acerca del potencial de las prácticas pedagógicas en la promoción de una educación antirracista junto a estudiantes de la Enseñanza Media. Para las reflexiones sobre prácticas pedagógicas, representaciones, la realidad de ser negro, la Enseñanza Media y la ERER y Enseñanza Media, nos subsidiamos en María Amélia Franco (2016), Roger Chartier (1991), Neuza Souza (1983), Nora Krawczyk (2011) e Wilma Coelho e Milena Silva (2021) respectivamente. Así, entendemos que las prácticas pedagógicas comprometidas con la Educación de las Relaciones Étnico-Raciales, ante las acciones propuestas en el Proyecto Afrocientista, resultan en las representaciones de los(las) estudiantes en lo tocante al racismo, prejuicio y discriminación racial. Son representaciones que informan las manutenciones históricas o contemporáneas que se notan en sus experiencias, como también señalizan las aprensiones que hacen en la perspectiva de alteraciones en sus trayectorias.

**Palabras-clave:** Proyecto Afrocientista; Prácticas Pedagógicas;

## INTRODUÇÃO

A abordagem da experiência com o Projeto Afrocientista, executado no âmbito do NEAB GERA/UFGA, se constitui investimento do qual este artigo se ocupará, tendo como objetivo produzir uma inflexão acerca do potencial das práticas pedagógicas na promoção de uma educação antirracista junto a estudantes do Ensino Médio em escolas da rede pública de ensino, em Belém, capital do Estado do Pará. Tal Projeto, financiado pelo Instituto Unibanco<sup>5</sup> e proposto pela Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), realizado em âmbito nacional, no ano de 2022, encontra-se em sua terceira edição, e esperamos alcançar o êxito identificado nas últimas duas edições. Os Núcleos de Estudos Afrobrasileiros (NEABs) e Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABIs) se constituem parceiros institucionais, os quais, situados em distintas unidades da federação, encaminham a execução do Projeto Afrocientista.

Em sua primeira edição, realizada em 2019, o projeto fora desenvolvido com a participação da escola Estadual de Ensino Médio Magalhães Barata, localizada no bairro do Telégrafo, que atende estudantes residentes, majoritariamente da região da Vila da Barca (área de assentamento localizado nas adjacências da escola, contemplado por um projeto urbanístico estatal); e da Escola de Aplicação da UFGA, localizada no bairro da Terra Firme, (região periférica da cidade), que atende a comunidade do entorno como os bairros do Marco e Guamá. De cada escola foram selecionados 06 (seis) estudantes, compondo um quadro de 12 (doze) estudantes bolsistas que participaram do projeto, em sua maioria autodeclarados negros e pardos, com idades entre 15 e 17 anos, sendo 9 meninas e 2 meninos. No decorrer do ano, um estudante foi desligado do projeto em função de dificuldades de frequência.

A segunda edição, realizada em 2021, fora demarcada por uma participação 100% feminina de bolsistas do Ensino Médio. Com variação de idades entre 15 e 17 anos, contamos 11 (onze) estudantes no total, sendo 5 (cinco) da Escola Magalhães Barata - a qual participara da edição anterior - e 6 (seis) do Instituto Federal do Mato Grosso - IFMT. O contexto pandêmico decorrente da Covid 19 impôs o encaminhamento das atividades nesta edição em formato *online*, possibilitando a participação de estudantes dos Estados

---

<sup>5</sup> Em 2019, a parceria com a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) se deu na implementação do projeto Afrocientista, construído juntamente com os Núcleos de Estudos Afro-brasileiros (NEABs). A iniciativa tivera por objetivo aproximar do ambiente universitário 100 estudantes negros(as) de várias regiões do país, oriundos das baixas classes socioeconômicas e com alto potencial de engajamento acadêmico e social. O relatório final do projeto apresenta dados interessantes: os professores envolvidos na proposta indicaram que a implementação do Afrocientista gerou uma mudança positiva de comportamento dos estudantes, com maior aceitação dos próprios corpos e repertório para o enfrentamento do racismo cotidiano. (Relatório de Atividades Instituto Unibanco/2019, p. 25).



do Mato Grosso e do Pará, nas interlocuções com especialistas no tocante aos debates promovidos acerca do racismo, preconceito e discriminação racial.

As reflexões promovidas no âmbito do Projeto Afrocientista/NEAB GERA/UFPA, enfocando a condição étnica e o lugar no mundo, advindas das(os) adolescentes-juvenis integrantes do mesmo, encaminharam a percepção do quão envoltas(os) nos processos sociais se encontram as (re)construções de suas identidades. Os relatos trazidos por ocasião das atividades ratificaram o potencial de iniciativas educacionais para a formação de *adolescentes-juvenis*<sup>6</sup> negras(os), com vistas à superação de desigualdades estruturais ainda presentes em nossa sociedade.

Nesta terceira edição, o Projeto efetivado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais (NEAB GERA), na Universidade Federal do Pará (UFPA), foi novamente organizado em consonância com o objetivo estabelecido pela ABPN, qual seja, o de aproximar jovens negros(as), que cumpram as condições de serem oriundos(as) de baixas classes socioeconômicas e que apresentem um alto potencial de engajamento acadêmico e social ao ambiente universitário. O Projeto, assim, permitiu o reconhecimento e a potencialização de conhecimentos em suas interfaces com a produção científica.

Para o artigo ora apresentado, elaboramos uma sistematização das representações dos(as) afrocientistas, a partir de suas percepções presentes nas atividades realizadas por eles(as) no âmbito do Projeto, em cada um dos encontros. Para estas reflexões, subsidiamo-nos nas formulações de Maria Amélia Franco (2016) em relação a *prática pedagógica*, assumindo-a a partir de seu caráter de intencionalidade que a torna uma “ação consciente e participativa” (Franco, 2016, p. 536). Esta intencionalidade presente na formulação da autora nos auxilia na medida em que favorece a compreensão acerca dos desdobramentos de uma *prática pedagógica* gestada sob a intenção de promover uma educação antirracista<sup>7</sup> junto a estudantes do Ensino Médio que participaram do Projeto Afrocientista.

---

<sup>6</sup> Tomamos esse termo de empréstimo de Wilma Coelho e Carlos Aldemir Silva (2015), para sinalizar que a menção a esse grupo de estudantes ultrapassa os limites da dimensão biológica; são perceptíveis a partir dos elementos simbólicos e comportamentais estabelecidos permanentemente nas relações com outros grupos sociais.

<sup>7</sup> No que diz respeito a Educação Antirracista, nos alinhamos à premissa de Eliane Cavalleiro (2001) de que à despeito de reconhecer que os prejuízos à população negra não se restringem ao espaço escolar, tampouco responsabilizar os(as) professores(as) como os(as) únicos(as) responsáveis pela disseminação do racismo na sociedade. Contudo, investir em uma Educação Antirracista demanda a busca por um *forte*



Em relação a este nível de ensino, nos interessam as reflexões de Nora Krawczyk enfatizando a realidade de que os(as) jovens nele inseridos (as) vivem em sociedade e precisam de formação, tanto para a cidadania preconizada nos instrumentos normativos referentes à educação brasileira, quanto para intervir criticamente nesta sociedade (Krawczyk, 2011, p. 760). Em relação às *práticas pedagógicas*, reiteramos o subsídio às formulações de Maria Amélia Franco, na medida em que tais práticas são orientadas para a garantia dos encaminhamentos propostos a partir de intencionalidades que permeiam a ação educativa, com vistas à concretização das propostas projetadas para o alcance de tal ação (Franco, 2016, p. 536). Esta premissa confere relevância às *práticas pedagógicas* relacionadas à Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), implementadas junto a esses(as) estudantes, dada à importância desta temática para a formação desses(as) jovens. Experiências dessa natureza são importantes, ao considerarmos a ênfase conferida por Wilma Coelho e Milena Silva, ao argumentarem que esta formação, nesta última etapa da educação básica, “poderá formar estudantes com efetiva atenção para a cidadania, ética, autonomia do pensamento e respeito à diversidade que compõe o Brasil” (Coelho; Silva, 2021, p.577), com as quais concordamos. Também recorreremos às noções conceituais de *representações*, de Roger Chartier, como classificações responsáveis pela organização e apreensão do mundo social (Chartier, 1991, p. 187) e de Neuza Souza sobre a realidade de *ser negro*, a qual relaciona-se com um *tornar-se negro* (Souza, 1983, p. 77). O aspecto metodológico se encaminha mediante a adoção das técnicas de análise de conteúdo, a partir de Laurence Bardin. Os dados que conformam a empiria ora tratada passaram pelos processos de pré-análise, exploração do conteúdo e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação (Bardin, 2016, p. 123).

Assim, este artigo percorrerá, inicialmente, uma síntese acerca das experiências com o Projeto Afrocientista no NEAB GERA/UFPA, na intenção de situar, a partir do relato das *práticas pedagógicas* desenvolvidas – ainda que de modo breve – em que medida foram encaminhados o reconhecimento e potencialização do conhecimento dos(as) estudantes no que se refere a temática que conforma o Projeto: a Educação das Relações Étnico-Raciais. Ao relato das ações, sucedem reflexões acerca dos desdobramentos destas *práticas pedagógicas* impactando as representações dos(as)

---

*aliado*, que é o(a) professor(a), nesse processo de formação de cidadãos(ãs) que se insurjam contra o racismo.



*adolescentes-juvenis* em relação ao racismo, discriminação e preconceito. Para este enfoque, apoiamo-nos nas formulações de Antonio Guimarães (1999, s.p.).

### O PROJETO AFROCIENTISTA NO ÂMBITO DO NEAB GERA/UFPA

O Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores(as) e Relações Étnico-Raciais (NEAB GERA/UFPA), dentro do qual este Projeto se insere, registra atuação em todas as suas edições realizadas em âmbito nacional. Em sua terceira edição, realizada no ano de 2022, contamos com a participação de nove estudantes negros(as) do Ensino Médio. Essa edição abarcou duas escolas da Educação Básica na Região Metropolitana de Belém. A seleção desses(as) *adolescentes-juvenis* ocorreu inicialmente mediante uma triagem, pela própria escola, considerando variação de gênero, idade, inserção no Ensino Médio, cor/raça e interesse dos(as) estudantes. Posteriormente, por meio de entrevistas realizadas nas escolas, atentamos para as condições socioeconômicas; o potencial de engajamento acadêmico-social; o nível de percepção das(os) estudantes sobre o racismo – aqueles(as) que apresentavam disposição para as ampliações que o Projeto propunha sobre a questão racial. Neste processo, alcançamos nove estudantes, cuja idade está compreendida entre 15 e 19 anos, e todos(as) se autodeclararam pretos(as) ou pardos(as).

Como esta experiência<sup>8</sup> centra-se na ação pedagógica em confluência com a escola, por meio do Projeto Afrocientista, pautamo-nos na compreensão de que a inserção dos(as) *adolescentes-juvenis* nas atividades propostas pelo Projeto nos oferece elementos para análises relativas aos impactos dos conteúdos trabalhados; como tais conteúdos pautaram seus comportamentos; de que maneira se encaminharam formas de perceber e lidar com as diferenças; como as intervenções pedagógicas, comprometidas com a diferença, ocorreram no âmbito do Projeto, o qual abarcou atividades diversas.

A concretização das atividades fora realizada em quatro etapas: 1<sup>a</sup> – uma semana antes de cada atividade, encaminhamos um **material preparatório** aos(às) estudantes para que pudessem acompanhar as discussões durante as oficinas e palestras, mediante textos, livros, filmes; 2<sup>a</sup> – **estudo individual e coletivo** do material enviado; 3<sup>a</sup> –

---

<sup>8</sup> Para o relato de experiências nos interessam as formulações de Nicholas Grollmus e Joan Tarrès (2015) ao considerarem as possibilidades de críticas aos discursos hegemônicos que podem oferecer, uma vez que se pautam em experiências incorporadas sob formas específicas de subjetividade.



participação dos(as) estudantes, de um grupo de voluntários(as)<sup>9</sup> e do público externo em **encontros formativos** (oficinas e palestras) realizados por especialistas do campo, que abordaram temáticas com ênfase nos objetivos do Projeto; 4<sup>a</sup> – posteriormente, foi proposta uma atividade relacionada à discussão, por meio de registros escritos, com o objetivo de **sistematizar as percepções** dos(as) afrocientistas em relação aos encontros formativos. Os(as) estudantes estabeleceram interlocução entre si, com a equipe do Projeto e com aquele grupo de especialistas, experienciando a “ambiência” acadêmica e refletindo sobre as dimensões do racismo, discriminação e preconceito em suas experiências.

Assim, partindo da proposta da ABPN, elaboramos o plano de trabalho e ações, definindo as atividades a serem realizadas no âmbito do Projeto Afrocientista desenvolvido no NEAB GERA/UFPA, em relação de colaboração entre a Escola Básica e a Universidade. Esta integração materializou-se em reuniões da coordenação com a escola, bolsistas e voluntários(as) que compunham a equipe. Tais reuniões objetivavam demonstrar o funcionamento geral do Projeto e parcerias institucionais a serem estabelecidas para sua execução. Deste movimento as ações iniciais se concretizaram mediante formalização de Termos de Parceria com as escolas que participariam do Projeto.

As atividades tiveram início com reuniões de planejamento para a estruturação das ações com a secretaria, voluntários(as) e escolas, sob a responsabilidade da coordenação do Projeto no âmbito do NEAB GERA/UFPA. Neste planejamento<sup>10</sup> a perspectiva de que as relações que seriam estabelecidas entre os conteúdos axiológicos relacionados ao Ensino Médio, teriam como foco o racismo, o preconceito e a discriminação. Definido o foco, a estruturação das atividades conformou-se entre a

---

<sup>9</sup> Este grupo foi constituído por estudantes da pós-graduação e da graduação, interessados(as) na temática e na proposta do Projeto. No curso das atividades, os(as) voluntários atuaram acompanhando cada um dos momentos desenvolvidos nas atividades com os(as) Afrocientistas, desde o apoio à secretaria no cadastramento, até levantamento de atividades para responder às demandas dos(as) especialistas que realizaram palestras e minicursos no âmbito do Projeto. A estes (as), aproveitamos a oportunidade para externar nossos agradecimentos aos(às) voluntários(as) do projeto: Laércio Costa; Maria Luiza Silveira; Thaís Copelli, Waldemar Oliveira Júnior; Antonio Carlos Carneiro e Igor Santiago.

<sup>10</sup> Todas as palestras e oficinas planejadas foram executadas e ocorreram quinzenalmente, iniciando em junho, finalizadas em dezembro/2022, realizadas ora no auditório do Instituto de Educação Matemática e Científica (IEMCI/UFPA), ora no auditório do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC/PA). Além dos(as) estudantes, as escolas mobilizavam o quadro docente, envolvido em distintas disciplinas, para participação nas mesmas. Desta participação, a percepção da gestão das escolas e daqueles docentes, desdobrou-se na realização de uma formação continuada mediante duas palestras, promovidas durante o projeto, e a participação do NEAB GERA/UFPA nos processos de formação do quadro docente, por ocasião da Jornada Pedagógica organizada no âmbito de uma das escolas, após a finalização do projeto.



realização de oficinas; palestras; *tour* pela universidade; produção de vídeos e de cartas; articulação com palestrantes vinculados(as) à temática e outros(as) parceiros(as) institucionais; definições de datas, períodos e formatos para a efetivação das atividades junto aos(às) bolsistas afrocientistas.

Selecionados(as) os(as) estudantes, cada atividade foi encaminhada sob a perspectiva de trazer para o debate a ERER e suas articulações com a experiência daqueles(as) estudantes negros(as). As ações até o momento realizadas incluíram: a). Palestra sobre Racismo no Brasil<sup>11</sup>, com um debate para introdução de temáticas presentes no Projeto e com as quais os(as) afrocientistas estabeleceriam relações a partir de suas experiências; b). Grupo de Discussão Expectativas de Futuro<sup>12</sup>, sondando projetos pessoais e profissionais; c). Palestra Juventude Negra<sup>13</sup>, promovendo diálogos sobre situações de racismo e preconceito vivenciadas pelos(as) estudantes; d). Palestra Direito e Racismo<sup>14</sup>, com enfoques acerca das questões legais e a experiência do racismo no Brasil e na escola; e). Palestra Legado da Cultura Negra<sup>15</sup> cujas discussões contemplaram as contribuições de negros(as) na cultura, conferindo protagonismos e visibilidades a esses(as) agentes como promotores(as) de obras cujo valor tem sido reconhecido socialmente.

Outro recurso acionado para as reflexões foram produções cinematográficas, protagonizadas por personagens negros(as), cujos enredos desencadearam discussões sobre a relação do contexto daquelas produções com as particularidades no Brasil e em âmbito escolar. Além dos filmes, a legislação brasileira fora recurso para discussão do racismo, por meio de reportagens contemporâneas ilustrando o debate sobre formas de enfrentamento legal ao racismo. Também foram conduzidas discussões contemplando as expectativas profissionais dos(as) estudantes, aprofundando o conhecimento das

---

<sup>11</sup> A palestra “Racismo no Brasil” fora ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nicelma Brito (UFRA) e Prof. Dr. Waldemar de Oliveira Júnior (UNIFESSPA), no auditório do Instituto de Educação Matemática e Científica (IEMCI) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

<sup>12</sup> O grupo de discussão intitulado “Expectativas de Futuro” fora mediado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marinês Souza (UFAM) e Prof.<sup>a</sup> Msc. Brenda Fortes (SEDUC/PA; SENAC/PA), no auditório do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC).

<sup>13</sup> A palestra intitulada “Juventude Negra” fora ministrada pelo Prof. Dr. Felipe Cruz (UFRA) e Prof. Ms. Laércio Costa (Pós-graduando do PGEDA/UFPA), no Instituto do Educação Matemática e Científica (IEMCI) da Universidade Federal do Pará (UFPA)

<sup>14</sup> A palestra intitulada “Racismo e Direito” fora ministrada pelo Prof. Dr. Breno Magalhães (UFPA), no auditório do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC).

<sup>15</sup> A palestra “Legado da Cultura Negra” ministrada pelos professores mestres Adelson Júnior (CODERER/SEMEC - Belém), Marcela da Conceição (CODERER/SEMEC - Belém) e Sinara Dias (CODERER/SEMEC - Belém), ocorreu no auditório do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC).



profissões em âmbito institucional. Este aprofundamento foi ampliado por meio de um *tour* pelas unidades da UFPA, com vistas a interação dos(as) estudantes com os espaços vinculados às suas áreas de interesse, articulados ao conhecimento da história da universidade.

Além destas, foram realizadas duas palestras centradas na temática antirracista, direcionadas aos(às) agentes escolares, mas também aos(às) estudantes. Tais palestras foram definidas previamente com a participação dos(as) afrocientistas, especialmente como respostas às inquietações advindas de todo o repertório cultural acumulado por meio dos encontros formativos. As palestras “Educação Antirracista na Escola” e “Leituras antirracistas para a Educação Básica: propostas de intervenção” contaram com a participação do público acima descrito, mas também foram franqueadas à participação do público em geral, como concretização do compromisso que tem pautado as ações do NEAB GERA/UFPA, definido por Wilma Coelho, Carlos Aldemir Silva e Nicelma Soares, como “um compromisso que é tanto ético quanto cívico” (Coelho; Silva; Soares, 2016, p.13). Em função de sua natureza e pela demanda advinda pelos(as) estudantes e pelas escolas, estas palestras não se desdobraram em atividades, (a exemplo das atividades que as antecederam) uma vez que a centralidade a elas conferida, direcionou-se aos(às) professores(as), às coordenações pedagógicas e direção das escolas envolvidas no Projeto, tendo como premissa as reflexões tecidas por Wilma Coelho e Sinara Dias no que tange às fragilidades do aporte teórico representa o principal entrave para o trabalho da temática pelas coordenações pedagógicas (Coelho; Dias, 2020, p. 23).

Assim, mediante as atividades realizadas, temas que perpassaram desde o significado da Educação Superior, e por conseguinte o seu funcionamento; racismo; direito; identidade e perspectivas de futuro, foram viabilizadas por especialistas nos assuntos, tendo no horizonte a dimensão étnico-racial e sua vinculação com a vida cotidiana dos(as) estudantes afrocientistas. Ao mesmo tempo em que essas atividades ocorreram, antecedeu a elas, conforme pontuado nas seções introdutórias, a proposta de estudo de uma base teórico-conceitual, mediante um estudo realizado previamente pelos(as) próprios(as) estudantes), o qual subsidiou a participação dos(as) afrocientistas nas oficinas e palestras ministradas por aqueles(as) especialistas. Como desdobramento dos encontros formativos, em articulação com os fundamentos obtidos a partir daquelas bases, conformadas pelas leituras prévias, esses(as) afrocientistas apresentavam um relato escrito, oral ou visual concernente à sua percepção, e, por conseguinte, da sua apreensão



no tocante à temática e à reflexão possível em relação à escola e ao mundo nos quais eles(as) se inserem. Esses registros subsidiarão as reflexões apresentadas neste artigo.

O recurso a essa ação baseia-se na compreensão de que a inserção daqueles(as) *adolescentes-juvenis* nas atividades propostas pelo Projeto oferecerá também elementos para análises relativas às articulações de uma intervenção pedagógica comprometida com o trato da diversidade e da diferença na escola. Os registros advindos desta inserção se constituem indicadores que acionaremos para ilustrar os desdobramentos das práticas encaminhadas no Projeto, a partir das percepções dos(as) afrocientistas.

### **O IMPACTO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ENCAMINHADAS NO PROJETO AFROCIENTISTA A PARTIR DAS PERCEPÇÕES DOS(AS) ESTUDANTES**

As atividades propostas no Projeto Afrocientista, percebidas sob a ótica da intencionalidade, no que tange à *prática pedagógica* (Franco, 2016, p. 536), favoreceram a percepção dos desdobramentos possíveis, frente às respostas apresentadas pelos(as) estudantes partícipes do Projeto. São ações pedagógicas que revelam o potencial de iniciativas educacionais para a formação de *adolescentes-juvenis* negros(as), com vistas à superação de desigualdades estruturais ainda presentes em nossa sociedade, dentre as quais situamos o racismo, discriminação e preconceito racial. Os registros escritos dos(as) afrocientistas, presentes nas sistematizações realizadas a partir dos encontros formativos, serão acionados para sinalizar as percepções operadas pelos(as) estudantes na mediação ocorrida entre esses(as) e os(as) especialistas, com base na temática racial.

O primeiro encontro presencial dos(as) afrocientistas com especialistas ocorreu mediante realização da Palestra "Racismo no Brasil". Este encontro formativo foi objeto de síntese mediante a elaboração de uma carta autobiográfica, contemplando as histórias pessoais (quem é você, suas frustrações, medos e força); projetos de futuro (como e onde se imaginariam dentro de dez anos); expectativas com o Projeto Afrocientista. A partir da pré-análise e exploração do conteúdo destas cartas, emergiram elementos recorrentes (Bardin, 2016, p. 125), os quais ilustram as representações dos(as) afrocientistas no que concerne às suas perspectivas, experiências pessoais e suportes presentes nestas experiências.

A partir de tais conteúdos, fora estabelecida a relação entre racismo e profissões; as percepções em relação à identidade; escolhas profissionais; escola e racismo, tendo



como horizonte a discussão havida no âmbito dos encontros formativos. Entre as perspectivas, **novos conhecimentos** adquiridos a partir do Projeto ocorrem com maior ênfase, seguidos de **trabalho, independência profissional e viagens**. No que concerne às experiências pessoais, **conflitos familiares** centralizam as dinâmicas de suas experiências no que tange ao **racismo, bullying, homofobia e depressão**, os quais conformam as dinâmicas de suas relações, cujos enfrentamentos têm sido pautados no acolhimento de outros(as) **colegas negros(as)**, nos **sonhos** que alimentam, na **religiosidade**, na **família** e em outros **relacionamentos** que cultivam.

A reflexão da afrocientista de 19 anos ilustra a sua expectativa após o aumento de repertório teórico-conceitual para o enfrentamento da temática do racismo:

“espero superar a expectativa encaminhada pelo Projeto, e que eu possa aprender para ajudar outras pessoas sobre o assunto. Me sinto ansiosa pelo início de um novo ciclo após a conclusão do Projeto e agradecida pela oportunidade de participar do Projeto”. (Estudante Escola SNC, 19 anos, negra, 2022)

Tanto as expectativas, quanto o sentimento de gratidão se presentificam nas percepções dos(as) demais afrocientistas, os(as) quais nutrem um compromisso social com a extensão do aprendizado adquirido no Projeto:

“minhas expectativas para o Projeto Afrocientista são muitas, uma delas é de conhecer coisas novas (...) sou grata a cada professor. Com o Projeto eu espero me aprofundar mais no conhecimento e ser um exemplo para outras pessoas pretas de que tudo é possível, independente de nossas dificuldades” (Estudante Escola BIM, 17 anos, negra, 2022)

Na mesma direção, suas perspectivas centram-se no **trabalho** como elemento de subversão das condições que enfrentam na atualidade, gerando **independência** e possibilidades de engendram ampliações culturais, conhecendo outros lugares e culturas. No âmbito de suas experiências pessoais a demarcação das práticas de **bullying, homofobia, transtorno de ansiedade, timidez e depressão** constituem vivências atravessadas por traumas de toda a ordem.

Neste contexto, emergem os **suportes** que se constituem relevantes no enfrentamento das vicissitudes de suas experiências, desde a infância atravessadas por desafios constantes. Tais experiências precipitam sofrimentos, isolamento e atraso na



trajetória escolar, na medida em que tais situações, em alguns casos “empurram” crianças negras para fora da sala de aula e da escola: “quando eu era criança (...) eu pedi para minha mãe me tirar de lá por que eu sofria muito” (estudante Escola BIM, 17 anos, negra, 2022).

Para os(as) adolescentes, estes **suportes** se constituem por uma rede de relações que fomentam o processo de *tornarem-se negros* (Souza, 1983, p. 78), em um movimento que envolve um custo emocional no qual um tenso movimento – ora de aceitação, ora de rejeição – permeia o processo de construção de uma identidade negra. As tensões envoltas na tentativa de pôr em prática o que Neuza Souza identifica como a “disposição básica de ser gente” (Souza, 1983, p. 21) se constituem, nas experiências destes(as) adolescentes, em meio a construção de uma identidade negativada, interiorizada e naturalizada, muitas vezes, pelos(as) próprios(as) adolescentes. A troca dessas experiências, e a reflexão sobre as mesmas a partir dos conhecimentos adquiridos sobre o racismo no âmbito do Projeto, anuncia, ainda que dentro de seus limites, um avanço e uma possibilidade na formação dos cidadãos(ãs) “orgulhosos de seu pertencimento”, tal como definem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana - DCNERER (Brasil, 2004, p. 10).

Na atividade que consistiu em um grupo de discussão pautado nas “Expectativas de Futuro”, uma produção textual, realizada pelos(as) afrocientistas sobre a profissão almejada, as instituições que ofertam o curso escolhido e os percursos a serem enfrentados para atingir esse objetivo, resultou, mais uma vez, na identificação da necessidade de **suportes**, acompanhado de outros elementos, para sua realização profissional futura. Dentre estes suportes, mais uma vez, são reiterados elementos como a **família** e outros(as) **colegas negros(as)**, constituindo uma rede de suportes emocionais e afetivos na concretização daqueles projetos profissionais, ao lado de um suporte advindo do trabalho consistente realizado pela **escola**. Contudo, para além destes elementos, os(as) afrocientistas também reconhecem a necessidade de seu investimento pessoal, sobretudo em relação ao **tempo de dedicação** aos **estudos** para a concretização de seus projetos futuros. Tais projetos perpassam pela formação qualificada para o exercício profissional, cuja representação se desdobra em outras realizações de cunho pessoal.

As expectativas profissionais orbitam em torno do ingresso no Ensino Superior, nos cursos de **Educação Física, Medicina, Comunicação, Direito, Engenharia,**



**Jornalismo, Programação, Nutrição e Gastronomia**, nessa ordem de interesse. Esta inserção (com a consequente possibilidade de exercício profissional e êxito), em suas percepções, sinaliza para outros desdobramentos que se relacionam a realização de um **sonho, independência**, condições favoráveis para acessar serviços de **saúde, viagens**, inserção no **mercado de trabalho, realização pessoal**, um **salário** fixo e superação dos **obstáculos** vivenciados no curso de suas trajetórias pessoais e escolares.

No desdobramento da palestra "Juventude Negra", os(as) afrocientistas procederam levantamentos, em suas redes sociais, localizando o lugar da temática racial nessas publicações, para elaboração de um texto descrevendo questões relacionadas a discriminação racial (as que são claras e as que são veladas) em sua relação com o enfoque conferido pelas palestras.

Do nível de aprofundamento dos(as) afrocientistas a partir dos conteúdos de suas redes sociais, foram abstraídos alguns elementos como: a percepção de que uma parte significativa desse lugar está reservada a um **racismo velado**, seguida de publicações com teor de **denúncias**, e de publicações de ações discriminatórias relacionadas como **“piadas”**. A esse respeito, as reflexões de Elissânia Oliveira discorrem sobre a piada como mecanismo de reiterações relativas aos grupos, que mascaram as hostilidades raciais, “ao mesmo tempo que comprometem a reputação das pessoas negras, atacando-as em função do seu pertencimento” (Oliveira, 2022, p. 8).

Outras explicitações do racismo foram percebidas pelos(as) afrocientistas, mediante a vinculação ao **cabelo** e a **“animalização”** de pessoas negras. No que se refere aos cabelos, as reflexões de Nilma Gomes são relacionadas à constituição identitária na experiência de afrobrasileiros(as) (Gomes, 2006, p. 18). Neste processo a dimensão estética encontra-se relacionada ao corpo e à aparência. No trabalho de Nilma Gomes, o cabelo crespo e o corpo são demarcados como “expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil” (Gomes, 2006, p. 20), para tecer discussões sobre o movimento conflituoso que se estabelece na construção desta identidade. Tal tensão é gerada porque essa construção é processada não só pelo olhar interno, mas também pelo olhar do outro.

Nesse sentido, estão presentes as hierarquizações sociais que determinam os valores estéticos em uma escala na qual a dimensão étnica referente aos(às) negros(as) é desfavorecida. As remissões aos valores estéticos são referendadas pelos(as) afrocientistas no cotidiano de suas relações na escola e na sociedade, mediante a

valorização do padrão eurocêntrico de beleza. Giovana Xavier ao problematizar conceitos pré-determinados e traçar caminhos, a partir da crítica do pensamento decolonial, na sua inflexão sobre a história social da beleza negra, nos convoca a subverter o padrão eurocêntrico de beleza em qualquer lugar do globo (Xavier, 2021, p. 27).

No âmbito das ações racistas, o *Facebook*, dentre as redes sociais, figura como aquela de maior incidência em relação a essas manifestações, e a observância dos(as) estudantes foi, como consequência, acionar os mecanismos de **bloqueio**<sup>16</sup> nas redes sociais como resposta a tais manifestações. No que se refere ao *Facebook*,<sup>17</sup> consiste em uma comunidade virtual na qual os(as) usuários(as) ativos<sup>18</sup> a utilizam para publicar e interagir nas postagens realizadas por outros integrantes desse ambiente digital. Muitas das interações, nos compartilhamentos realizados nesta rede social, são eivadas de discursos preconceituosos, racistas e discriminatórios (Silva, 2021, s.p), infringindo, desse modo, as Diretrizes do *Facebook* para comportamento seguro e respeitoso. As reflexões de Viviane Lopes e Kets Laine dos Santos, definem esta rede como um espaço virtual, que está inserido na sociedade real, no qual os usuários reproduzem, reconfiguram e ressignificam as práticas sociais, dentre elas, aquelas de caráter racista, que contribuem para a sustentação das relações de poder e perpetuação do racismo (Lopes; Santos, 2020, p. 2393).

Na palestra "Racismo e Direito", foi encaminhada a produção de um texto relatando um caso de racismo vivenciado pelo(a) afrocientista, apontando a atitude assumida diante daquela situação, refletindo acerca das discussões realizadas na palestra "Racismo e Direito", e, por fim, descrevendo se a atitude seria diferente na atualidade.

---

<sup>16</sup> O bloqueio é um mecanismo de defesa e denúncia disponível nas redes sociais contra comentários e mensagens que violem as diretrizes da comunidade. O *Facebook*, por meio de suas políticas, estabelece, dentre os motivos que acarretam bloqueio do perfil – e até o banimento do acesso a plataforma – o discurso de ódio, sendo um ataque direto a pessoas, pela sua raça, etnia, nacionalidade, religião, orientação sexual, casta, sexo, gênero, identidade de gênero e doença grave ou deficiência. E ainda ataques como discursos violentos ou desumanizantes, estereótipos prejudiciais, declarações de inferioridade, expressões de desprezo, repugnância ou rejeição, xingamentos e apelos à exclusão ou segregação. Nathália Campos e Carolina Laurenti (2020) em seus estudos acerca das implicações das redes sociais para a educação da sensibilidade, afirmam que a forma como a *internet* está organizada atualmente dificulta o desenvolvimento de um equilíbrio entre as sensibilidades, muitas vezes por comportamentos aversivos de usuários da rede mundial de computadores, que através de mensagens sutis ou ofensivas provocam reações emocionais negativas em outras pessoas, que as oprimem, e conseqüentemente acarretam "bloqueios" desses contatos ofensivos.

<sup>17</sup> O *Facebook*, lançado no ano de 2004, é uma criação do empresário Mark Elliot Zuckerberg. Desde o ano de 2012, essa rede social virtual é controlada pela empresa Meta.

<sup>18</sup> Esta rede agrega 2,94 bilhões de usuários ativos. Disponível em: <<https://valorinveste.globo.com/mercados/renda-variavel/empresas/noticia/2022/04/28/meta-dona-do-facebook-avanca-em-ny-com-adicao-de-usuarios-acima-do-esperado.ghtml>>. Acesso em: 09/11/2022.



Mediante essa produção textual, obtivemos uma cartografia acerca do nível de apreensão dos(as) estudantes sobre as reflexões que até então estavam sendo promovidas.

Os documentos advindos destas produções incidem, expressivamente, sobre as atitudes presentes frente às ocorrências de manifestações de discriminação racial, especialmente aquelas relacionadas ao racismo vinculado ao **humor**, seguido do **racismo explícito**, **racismo velado**, **indignação**, **denúncia** e a simples **observação** das experiências vivenciadas por aqueles(as) a quem a discriminação se dirigia. Em relação ao racismo velado, concordamos com Antonio Guimarães, para quem o racismo foi naturalizado nas estruturas sociais brasileiras, garantindo, desse modo, a sua invisibilidade (Guimarães, 1999, s.p). Este, assevera o autor, se constitui o grande problema para combatê-lo. Na perspectiva de Edward Telles, nossa sociedade resistiu em discutir o racismo no Brasil, tratando essa questão de forma velada, tendo em vista a crença de que os negros estavam inclusos na sociedade (Telles, 2003, s.p). Nesse panorama, a *democracia racial* contribui para a compreensão de uma nação harmônica.

Nas manifestações de racismo registradas pelos(as) afrocientistas, as remissões se concretizavam mediante a atribuição, aos negros(as), de arquétipos pejorativos amplamente conhecidos, sobretudo em situações envolvendo idas e abordagens no **comércio**. A percepção dos(as) estudantes remete a alteração deste quadro a intervenções da **escola**, dos(as) **professores(as)**, da **segurança pública** e do **Direito**.

Na palestra “O legado da Cultura Negra”, o texto produzido para justificar o que despertou o interesse dos(as) afrocientistas em relação a pesquisadores(as) e obras literárias de escritores(as) negros(as)<sup>19</sup>, ressalta a **vivência** daqueles(as) agentes como elemento de centralidade na percepção dos(as) estudantes, posto representar uma acentuada relação com suas experiências pessoais demarcadas pelas **comunidades**, **pobreza**, **violências** de toda a ordem e as **resistências** que pautam estas experiências. São resistências que expressam o que Arjun Appadurai define como discursos de “minorias” – minorias essas entendidas na contraposição às *identidades predatórias* (Appadurai, 2009, p 46). Essas resistências se concretizam naquilo que Jorge Nascimento reflete como as estratégias de incorporação de negros e negras a um meio social e cultural, em

---

<sup>19</sup> Por ocasião da palestra, algumas referências foram apresentadas às (aos) estudantes, como as contribuições de Nina Simone, Elza Soares e Emicida, na música; Machado de Assis e Carolina Maria de Jesus, na literatura; Jacqueline Góes de Jesus, nas ciências; Ruth de Souza e Thaís Araújo, na teledramaturgia; Abdias do Nascimento e Zélia Amador, nas artes cênicas; Jean-Michel Basquiat, nas artes plásticas; Viola Davis e Spike Lee, no cinema; as inserções políticas de Sueli Carneiro, Angela Davis e Marielle Franco; além de produções cinematográficas, como o filme *Estrelas além do Tempo*.



concomitante oposição aos discursos que se pretendem hegemônicos (Nascimento, 2019, p. 194). A pretensão da hegemonia se mantém mediante a coação, a desvalorização ou as tentativas de apagamento das manifestações e grupos que se mobilizam e se mantêm por meio das resistências que acionam.

A atividade advinda do filme “Estrelas Além do Tempo”<sup>20</sup>, consistira na produção textual com relações estabelecidas entre o lugar das protagonistas daquele filme – em outro contexto geográfico e histórico – e algumas similaridades referentes à realidade brasileira e ao tempo presente. Os relatos escritos deram conta do **choque** de realidade representado diante do contato com o racismo expresso nas cenas do filme. O **racismo velado**, presente na dinâmica das relações e igualmente nocivo para aqueles(as) que o sofrem também compôs, novamente, o quadro das percepções dos(as) afrocientistas, junto com elementos como a **luta** enfrentada para concretização de sonhos, em uma sociedade que naturaliza a divisão e a dominação masculina sobre as mulheres<sup>21</sup>, retirando dessas o direito de ocupar determinados espaços, e a associação mulher-negra como dimensão de **enfrentamentos** de discriminação em aspectos que fazem parte do cotidiano usual de muitas pessoas, mas que representam um desafio quando o ingrediente racial está presente.

Os enfrentamentos se constituem uma experiência constante no cotidiano da população negra na sociedade brasileira, em um contexto no qual assim como a desigualdade, a diversidade também tem sido uma marca do Brasil. Estas “marcas” evidenciam o impacto que o racismo tem exercido sobre crianças e adolescentes, afetando a vida de todos(as) brasileiros(as), e reforçam imaginários que reiteram a ideia de que negros(as), brancos(as) e indígenas devem ocupar lugares diferentes na sociedade, representando uma hierarquia da cor, como indicador social de cada um (Coelho; Coelho, 2012, p. 150). Para enfrentar e subverter esse imaginário, impõe-se o reconhecimento de que a diversidade integra e amplia conhecimentos, sob a perspectiva de valorização da diferença e promoção das igualdades. Esses conhecimentos concorrem para o que Patrícia

---

<sup>20</sup> “Estrelas Além do Tempo” é um filme de 2017, com direção de Theodore Melfi, e indicado ao Oscar, na categoria melhor filme, naquele mesmo ano. Sua narrativa se passa no auge da corrida espacial travada entre os Estados Unidos e a Rússia, durante a Guerra Fria, na qual uma equipe de cientistas da NASA, formada exclusivamente por mulheres negras afro-americanas, liderara uma das maiores operações tecnológicas exitosas registradas na história americana, tornando-as heroínas da nação.

<sup>21</sup> Para Bourdieu (1999), as estruturas de dominação são frutos de um trabalho incessante, que visam imputar historicamente a natureza biológica como uma essência onde as mulheres são vistas como objetos e não como pessoas que subvertem, modificação e operam transformações nos espaços sociais nos quais se inserem.

Raposo, Roberta Almeida e Simone Santos assinalam, em relação ao enfrentamento, como um romper com os limites impostos pelas perspectivas únicas que têm conformado as narrativas de nossa constituição como sociedade (Raposo; Almeida; Santos, 2021, p. 3).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições das *práticas pedagógicas* encaminhadas no âmbito do Projeto Afrocientista, acenadas nas percepções dos(as) estudantes vinculados ao Projeto, constituem-se, em certa medida, como ratificações das proposições dos dispositivos legais naquilo que tais dispositivos definem como a necessidade de ações comprometidas com a Educação das Relações Étnico-Raciais positivas. As experiências dos(as) *adolescentes-juvenis* que integraram o Projeto Afrocientista, encaminhado pelo NEAB GERA/UFPA, ilustram a quais redefinições tais conteúdos os(as) conduziram. As representações que emergiram a partir das sínteses registradas nas atividades realizadas após os encontros formativos, advindas das articulações com as leituras prévias e as interlocuções com os(as) pesquisadores(as) durante o Projeto, em relação à EREER, são indicadores da pertinência daquelas proposições dos dispositivos legais, bem como do lugar privilegiado das práticas pedagógicas, em nosso caso específico encaminhadas por meio das ações do Projeto Afrocientista.

As *práticas pedagógicas* propositivas em relação à EREER mostraram a potência educativa viável para problematizar e visibilizar as representações dos(as) *adolescentes-juvenis* negros(as) no tocante às suas experiências com o racismo, preconceito e discriminação racial. Os(as) *adolescentes-juvenis* do Projeto Afrocientista, do NEAB GERA/UFPA, exercitaram suas primeiras imersões com o propósito de defender suas demandas e produzir suas próprias histórias como protagonistas. Concordamos com a assertiva de Ananda Oliveira, quando reflete sobre a mulher negra, sublinhando que esta tem buscado ser agente de seu próprio saber, do próprio conhecimento e produtora das próprias histórias (Oliveira, 2020, p. 20), bem como com as reflexões de Wilma Coelho, Nicelma Brito e Sinara Dias ao ponderarem que a participação desses(as) *adolescentes-juvenis* no Projeto alterou o horizonte de suas expectativas, construindo neles(as) a ideia de possibilidades acadêmico-profissionais e sociais, ainda que reconheçam as inúmeras dificuldades a serem enfrentadas (Coelho; Brito; Dias, 2021, p. 25). Os(as) afrocientistas fortaleceram coletivamente o compromisso com as próprias trajetórias, ampliaram suas



expectativas de futuro e desenvolveram a resiliência necessária para enfrentar as adversidades.

A discussão circunstanciada da temática sugere a relevância dos suportes adequados dos responsáveis pelo processo de *ensino*<sup>22</sup> e *aprendizagem*<sup>23</sup> desses(as) estudantes, no sentido de lhes auxiliar na problematização de sua realidade social. O alerta de Márcia Moraes e Saturnino Torre parece significativo para essa assertiva, ao discorrerem que *não podemos continuar educando com procedimentos de ontem alunos que já vivem no amanhã* (Moraes; Torre, 2004,s.p.). Tal assertiva encontra eco na defesa de Michael Young de que os estudantes compreendem o mundo a partir da aprendizagem de conceitos que acessam por meio da escola para outras problematizações (Young, 2007, p. 1296). As percepções advindas das sínteses que realizaram a partir dos encontros formativos reiteram aspectos historicamente presentes na experiência da população negra na sociedade brasileira, tais como os **conflitos familiares**; os **racismos velado e explícito**; as remissões atreladas a este grupo mediante o que seria um dos símbolos de sua identidade, como o **cabelo**; bem como a remissão à “**animalização**”. Além dos aspectos acima evidenciados, as posturas suscitadas diante dos mesmos conformam-se, ora pela **observação**, ora pela **indignação e denúncia**. O caráter conferido a estas manifestações discriminatórias, atrela-as ao “**humor**” ou às “**piadas**”, os quais circundam seus ambientes. Dentre os recursos contemporâneos, as **redes sociais** juntam-se a essas experiências históricas, implementando amplitudes a esse processo, tanto no que tange ao alcance quantitativo, quanto nos efeitos devastadores que emergem de tais práticas.

Contudo, se as representações funcionam, nas formulações de Roger Chartier, como classificações responsáveis pela organização e apreensão do mundo social (Chartier, 1991, p. 84-185), os registros dos(as) afrocientistas permitem antecipar que as *práticas pedagógicas* engendradas no âmbito do Projeto – dentro das limitações a ele peculiares, reiteramos – concorrem para uma “apreensão do mundo” na qual seus(as) protagonismos são percebidos(as). Tais protagonismos relacionam-se, na percepção dos(as) estudantes, a **novos conhecimentos** que implicam alterações em suas trajetórias. Estas alterações relacionam-se às ampliações de possibilidades profissionais, mediante

---

<sup>22</sup> No sentido de ensino como uma atividade prática promotora de trocas educativas para orientar, num sentido determinado, as influências que se exercem sobre as novas gerações (SACRISTÁN; GOMEZ, 2007).

<sup>23</sup> Aprendizagem entendida como um processo de doação de sentido e significado, às situações em que o indivíduo se encontra. Sob as manifestações observáveis se desenvolvem processos de discernimento e de busca intencional de objetivos e de metas (SACRISTÁN; GOMEZ, 2007).



**inserção no mercado de trabalho; realização pessoal; um salário** fixo; superação dos **obstáculos**; seguidas de **independência profissional** e ampliações culturais advindas de **viagens** que pretendem concretizar mediante estas condições por eles(as) aspiradas.

Os(as) afrocientistas cultivam **sonhos** em relação ao futuro, mas divisam os percalços que tendem a compor seus percursos. Para as superações neste processo, as percepções também consideram a existência de uma rede de **suporte**, a qual concorre para a superação dos desafios que se apresentam. Nesta rede, a **família**, os(as) **colegas negros(as)**, a **religiosidade** e **outros relacionamentos** auxiliam no tenso movimento de se constituírem como negros(as).

Importa reiterar que esse movimento de *virem a ser* decorre das interações, mas também é percebido a partir de investimentos pessoais. Nesta dinâmica, a concretização dos projetos dos(as) adolescentes associa-se ao **tempo** de **dedicação** aos **estudos** em desdobramento das ações da **escola**. Assim, a concretização dos sonhos não é imputada a outros, mas é assumida como compromisso pessoal dos(as) afrocientistas, ainda que saibamos que existem dimensões estruturais que não podem ser subdimensionadas neste processo. São compromissos necessários em meio às experiências cotidianas pautadas pelo racismo, preconceito e discriminação, nos quais as vivências em **comunidades** são demarcadas pela **pobreza**, **violências** e **resistências** que tais vivências reclamam. As resistências, na percepção dos(as) adolescentes, se presentificam nas lutas e enfrentamentos, e demarcam suas realidades na escola, ou fora dela.

Nesse contexto, a *ação pedagógica* parece representar uma das possibilidades de promoção de uma educação antirracista e de combate às desigualdades, uma vez que são acionadas possibilidades de fomentar o protagonismo desses(as) jovens no âmbito escolar. Em se considerando os(as) estudantes, a sua formação e o processo de ensino e de aprendizagem, Wilma Coelho, Nicelma Brito, Carlos Aldemir Silva e Sinara Dias argumentam: o conhecimento sobre esse público precisa avançar, e os(as) profissionais precisam aprofundar-se no mundo dos(as) estudantes de HOJE para a proposição de *práticas pedagógicas* efetivas no combate a toda a forma de discriminação, racismo e preconceito (COELHO; BRITO; SILVA; DIAS, 2022, s.p.). Os(as) estudantes, e as futuras gerações agradecem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



APPADURAI, Arjun. *O medo do pequeno número: ensaio sobre a geografia da raiva*. São Paulo: Iluminuras, 2009.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução Luís Antônio Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. *Resolução Nº 1, de 17 de junho de 2004*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>>. Acessado em: 04 de novembro de 2022.

CAMPOS, Nathália G.; LAURENTI, Carolina. Implicações das redes sociais online para a educação da sensibilidade. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v. 11, n. 2, jul./dez. 2020, p. 165-177. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/43306>>. Acessado em: 09 de novembro de 2022.

CAVALLEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, , jan./abr. 1991, p. 173-191. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>>. Acessado: 10 de novembro de 2022

COELHO, Wilma N. B.; BRITO, Nicelma J. C.; SILVA, Carlos Aldemir. F.; DIAS, Sinara B. *Para além da sala de aula: sociabilidades adolescentes, relações étnico-raciais e ação pedagógica*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2022. Coleção Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais.

COELHO, Wilma; BRITO, Nicelma; DIAS, Sinara. Identidade de estudantes negras e negros: a experiência do projeto Afrocientista NEAB/GERA/UFGA. *Roteiro*, Joaçaba, v. 46, jan./dez 2021, p. 1-29. Disponível em: <<https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/26303>>. Acessado em: 10 de novembro de 2022.

COELHO, Wilma N. B.; COELHO, Mauro Cezar. Por linhas tortas- a educação para a diversidade e a questão étnico-racial em escolas da Região Norte: entre virtudes e vícios. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN)*, Curitiba, v. 4, n. 8, 2012, p. 137-157. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/257>>. Acessado em: 10 de novembro de 2022.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; DIAS, Sinara Bernardo. Relações Raciais na Escola: entre legislações e coordenações pedagógicas. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN)*, Curitiba, v. 12, n. 32, mar./maio 2020, p. 46-67. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/883/808>>. Acessado em: 08/02/2023

COELHO, Wilma N. B.; SILVA, Carlos Aldemir F. Preconceito, discriminação e sociabilidades na escola. *Educere et Educare (versão eletrônica)*, Cascavel, v. 10, 2015, p. 687-705. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/12606>>. Acessado em: 04 de novembro de 2022.

COELHO, Wilma de N. B.; SILVA, Milena F. e. Ensino Médio e Educação para as Relações Étnico-Raciais em Produções Acadêmicas (2008-2018). *Revista Intersaberes*, Curitiba, v.16, n.



38, maio/ago. 2021, p. 559 - 583. Disponível em: <<https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/2119>>. Acessado em: 04 de novembro de 2022.

COELHO, Wilma de N. B.; SILVA, Carlos Aldemir F.; SOARES, Nicelma J. B. *Núcleo Gera dez anos - entre a Universidade e a Escola Básica*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016. Coleção Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais.

FRANCO, Maria Amélia R. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (on-line)*, Brasília, v. 97, n. 247, set./dez. 2016, p. 534-551. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/m6qBLvmHnCdR7RQjJVspZTq/?format=pdf&lang=pt>>. Acessado em: 09 de novembro de 2022.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GROLLMUS, Nicholas S.; TARRÈS, Joan P. Relatos metodológicos: difractando experiências narrativas de investigación. *Fórum Qualitative Social Research*, v. 16, n. 2, maio 2015, p. 1-24. Disponível em: <<https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/47405>>. Acessado em: 23 de novembro de 2022.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. São Paulo: FUSP; Ed. 34, 1999.

INSTITUTO UNIBANCO. *Relatório de Atividades 2019*. São Paulo: Instituto Unibanco, 2019. Disponível em: <[https://cdnportaliuprd.portalinstitutounibanco.org.br/wp-content/uploads/2020/08/RA\\_IU\\_2019-1.pdf](https://cdnportaliuprd.portalinstitutounibanco.org.br/wp-content/uploads/2020/08/RA_IU_2019-1.pdf)>. Acessado em: 09 de novembro de 2022.

KRAWCZYK, Nora. Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 144, set./dez. 2011, p. 752-769. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/mq5QhqMxcsdJ9KfDZjqLmtG/abstract/?lang=pt>>. Acessado em: 09 de novembro de 2022.

LOPES, Viviane Faria; SANTOS, Kets Laine dos. “A minha palavra é afiada e contamina”: análise linguístico-discursiva de comentários racistas implicitamente manifestados no Facebook. *Revista de Estudos Brasileiro*, Espanha, v. 7, n. 14, 2020, p. 63-77. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/reb/article/view/176468/163972>>. Acessado em: 09 de novembro de 2022.

MORAES, M. C.; TORRE, S. (Org.). *Sentipensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação*. Petrópolis: Vozes, 2004.

NASCIMENTO, Jorge L. Violência policial, racismo e resistência: notas a partir da MPB. *Contexto*, Vitória, n. 35, 2019, p. 193-218. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/23023>>. Acessado em: 10 de novembro de 2022.

OLIVEIRA, Ananda V. S. As potencialidades de mulheres negras na produção acadêmica. *Equatorial*, Natal, v. 7, n. 12, jan./jun. 2020, p. 1-23. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view>>. Acessado em: 20 de novembro de 2022.



OLIVEIRA, Elissânia da Silva. “É só de brincando, tia!” racismo recreativo em apelidos, piadas e brincadeiras no ambiente escolar. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

RAPOSO, Patrícia Lorena; ALMEIDA, Roberta Santos de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. O pensamento decolonial como estratégia de enfrentamento ao racismo estrutural no contexto escolar. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 16, e2115355, 2021, p. 1-19.. Disponível em: <<https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>>. Acessado em: 10 de novembro de 2022.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GOMES, A. I. P. *O compreender e transformar o ensino*. 4ed. Tradução Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SILVA, Welton Pereira e. Argumentação em discursos de ódio no Facebook: uma categorização contributiva à Linguística Forense e à Linguística Computacional. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 29, n. 4, 2021, p. 2367-2395. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/18140>>. Acessado em: 09 de novembro de 2022.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TELLES, Edward. *Racismo à Brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Tradução de Ana Arruda Callado, Nadjeda Rodrigues Marques e Camila Olsen. Rio de Janeiro: *Relume Dumará/Fundação Ford*, 2003.

XAVIER, Giovana. *História social da beleza negra*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 101, set./dez 2007, p. 1287-1302. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/GshnGtmcY9NPBfsPR5HbfjG/?lang=pt&format=pdf>>. Acessado em: 20 de novembro de 2022.

*Recebido em: 25/11/2022*

*Aprovado em: 15/03/2023*